

A última trincheira: temos que mudar Economia e ecologia

Leonardo Boff*

Vejo três tendências dominantes na reflexão política e econômica mundial com referência às possíveis saídas para a atual crise.

1. Tentativas de solução da crise

A primeira é o *neocapitalismo*. Trata-se de uma espécie de refundação do capitalismo, mas modificado, pois o atual, de cariz norte-americano, soçobrou por não ser sustentável e universalizável. Este não há como ressuscitá-lo. Em Davos, o primeiro ministro chinês Wen Jiabao o criticou acertadamente, dizendo que era fundado em “baixa poupança e alto consumo”. Como observou o economista Ken Rosen, da Universidade Berkeley: “Nós gastávamos um dinheiro que não tínhamos em coisas das quais não precisávamos. O modelo dos Estados Unidos está errado. Se o mundo todo utilizasse o mesmo modelo, nós não existiríamos mais” (O Globo 01/02/09 p.4). Era a universalização máxima do consumo levado a todas as classes sociais até às mais pobres, como aconteceu com os empréstimos *sub prime*, para a compra de casas, sem garantias suficientes para aquele crédito.

Os que sustentam a tese da refundação afirmam como o fez, diria de forma quase ingênua, o professor de economia da Universidade J. W. Goethe de Frankfurt, Reinhard H.Schmidt: “Não devemos de forma alguma contar com um fim do capitalismo. Isso não será possível porque o capitalismo é o único sistema que pode sobreviver. Mas, por outro lado, o capitalismo nunca mais voltará a ser como era antes. Nós acabamos de descobrir que o capitalismo puro, sem a intervenção do Estado não é mais possível” (O Globo 1/03/09 p.33).

Portanto, certo tipo de capitalismo morreu. O neocapitalismo, de cunho neokeynesiano, estará sob a tutela médica do Estado que zelará pela saúde dos bancos e dos mercados e vigiará a transparência possível da finança especulativa. Ela era simplesmente irracional, pois chegava a vinte vezes o PIB mundial que é de cerca de 58 trilhões de dólares. O capital especulativo alcançava a cifra de 600 trilhões de dólares e alguns analistas sustentam que é de mil trilhões.

A segunda tendência é a do *crescimento verde*. Ela foi elegantemente apresentada no dia 22 de fevereiro do corrente ano, pelo secretário da ONU Ban Ki-Moon junto com Albert Arnold Gore Jr (Al Gore), ex-vice presidente dos EUA e conhecido por seu documentário *Uma verdade incômoda* (FSP 22/02/09 p.3). Apresenta-se como *uma nova via*. Deve ser regida por uma única política que enlace simultaneamente a economia e a ecologia. Portanto, uma política que vá ao encontro das nossas necessidades econômicas e sociais urgentes e imediatas e que lance uma nova economia mundial verde. Afirmam: *em suma, necessitamos que o nosso mantra seja “vamos promover o crescimento verde”*. Essa nova via se apóia sobre dois pés: um que beneficia intencionalmente os pobres favorecendo os pequenos

agricultores com todos os recursos modernos de tecnologia, de sementes e de crédito e o segundo uma produção industrial com o mais baixo nível de emissão de carbono possível. Confiantes, afirmam que o crescimento verde é a base da recuperação econômica verdadeiramente sustentável *que trará benefícios para nós e para os nossos filhos e filhas durante décadas*.

Nesta proposta não se fala sob que modo de produção se alcança este crescimento verde. O temor é que dando centralidade à categoria *crescimento* ressurgja a lógica de todo crescimento que é a vontade de ser ilimitado e sem fronteiras.

A terceira tendência é a do ecossocialismo. Apresenta-se como uma alternativa prática e radical ao sistema capitalista. Não há que confundi-lo com o clássico socialismo que afundou com a queda do muro de Berlim e do desmantelamento da União Soviética. É um socialismo novo que critica tanto a *ecologia capitalista de mercado* quanto o *socialismo produtivista*, pois ambos ignoram o equilíbrio e os limites da Terra (II Manifesto Internacional, Declaração de Belém, 27/02/09).

A alternativa ecossocialista quer uma produção que respeite os ritmos da natureza. Supõe uma economia fundada nos valores não-monetários de justiça social e de equilíbrio ecológico, no valor de uso em vez do valor de troca, na mudança de critérios político-econômicos quantitativos para qualitativos. A democracia deve ser radicalmente social no sentido de que as decisões sejam tomadas pelo conjunto dos cidadãos e os meios de produção deverão ser socializados. O manifesto enfatiza que *ar puro, a água e o solo fértil, bem como o acesso universal a alimentos sem agrotóxicos e às fontes de energias renováveis, não-poluidoras, são direitos naturais e básicos do ser humano defendidos pelo ecossocialismo*.

A proposta ecossocialista é generosa e efetivamente alternativa. Falta-lhe, entretanto, a base social mundial suficientemente forte para se impor e desenhar um outro rumo para o projeto planetário humano. Mas carrega as esperanças de milhões e milhões de pessoas que o vêem com um paradigma novo mais adequado à fase planetária da humanidade. Quando a crise atingir o seu auge que poderá significar a vida ou a morte de nossa espécie, então, possivelmente todos seremos ecossocialistas por necessidade de sobrevivência e não por razões ideológicas.

2. Os limites destas propostas

Todas estas propostas são ainda intrasistêmicas. Movem-se dentro do paradigma ou do crescimento com viés no quantitativo por favorecer a produção de bens materiais e de grande projetos ou no desenvolvimento com viés no qualitativo por inserir valores éticos e sociais. Sabemos a lógica que preside ao crescimento e ao desenvolvimento, mesmo rebaixando os níveis de poluição e obedecendo a critérios ambientais de menor impacto. O modelo do crescimento e do desenvolvimento supõe o domínio da natureza e a busca do benefício econômico. Sua preocupação central é: como ganhar mais com custo ambiental menor?

Neste paradigma não se coloca a questão do limite de suportabilidade do sistema-Terra nem dos recursos naturais disponíveis cada vez mais escassos. O pressuposto inconsciente é que os recursos são infinitos e que podemos ir infinitamente crescendo e nos desenvolvendo em direção ao futuro.

Nas três tendências o ser humano se coloca acima e fora da natureza e não como parte dela e inserido em seus processos. Esquecemos que respiramos, comemos, tomamos água, pisamos o solo e somos eointerdependentes. Por isso sua atitude é adâmica, do Adão que recebe o mandato divino de dominar a Terra e tudo o que nela existe. Ocupamos já 83% do planeta na lógica utilitária e de pilhagem dos recursos e serviços que a natureza oferece.

As três tendências são profundamente antropocêntricas, como se a Terra tivesse apenas gestado os seres humanos e não todos os demais seres que estariam a serviço do ser humano. A moderna biologia e cosmologia nos convenceram de que todos os seres vivos são constituídos pelos mesmos 20 aminoácidos e as mesmas quatro bases fosfatadas (C,A,G,T). Por isso todos somos parentes, primos e irmãos e irmãs, interretroconectados uns com os outros, formando a grande comunidade de vida. Os seres não se ordenam simplesmente ao uso humano. Eles possuem um valor intrínseco e são um elo como nós da mesma e única cadeia da vida. Nós possuímos uma singularidade: uma missão ética de cuidar e de guardar esse herança que o universo ou Deus nos legou com compreensão, compaixão e amor.

Por fim, nenhuma das três tendências incorporara a mais nova visão da Terra, entendida como um superorganismo vivo, chamado por James Lovelock, de Gaia. Só para dar um exemplo da profusão de vida existente na Terra: num só grama de chão ou seja, em menos de um punhado, vivem cerca de 10 bilhões de bactérias, pertencentes a 6 mil espécies diferentes, nos assegura o conhecido biólogo Edward Wilson (*A criação, como salvar a vida na Terra*, São Paulo 2008 p.26).

A Terra articula o físico, o químico e o biológico de tal forma interdependente que se torna sempre apta a produzir e reproduzir a vida. Os seres humanos não estão simplesmente sobre a Terra. Eles são a própria Terra que num estágio avançado de sua evolução e de sua complexificação começou a sentir, a pensar, a amar e a venerar. Esse momento representa a emergência do ser humano. Por isso, homem provém de *húmus*, terra boa e Adão, segundo o relato judeu-cristão, vem de *adamah* que quer dizer terra fecunda.

Esta visão contemporânea se compagina com a mais ancestral dos povos originários para os quais a Terra é a *Magna Mater* ou a *Pacha Mama*. Podemos dizer mais: esta compreensão de que a Terra é viva foi dominante em toda a história da humanidade, até o advento da modernidade, quando, com Isaac Newton e Galileo Galilei, se começou interpretar a Terra como simples *res extensa*, algo meramente físico e sem qualquer espírito. Por isso, podia ser dominada, sem escrúpulos, pelos seres humanos, torturada e violada como dizia Francis Bacon, fundador do método científico moderno, até entregar todos os seus segredos.

Esta visão pobre e empobrecedora predomina ainda na ciência contemporânea e nas operações que a tecnociência opera sobre os processos biológicos.

Não é de se admirar que nas três tendências predomina um uso da razão, adequado à esta prática de dominação: a razão instrumental-analítica, objetivante e coisificante, chamada por Blaise Pascal de *esprit de géométrie* em oposição ao *esprit de finesse* que foi recalçado, posto de lado ou difamado. Essa razão foi seqüestrada para o reino dos meios,

esquecida de sua missão que é de principalmente colocar as questões dos fins a que os meios deveriam servir: à vida, à convivência democrática e à paz.

O fim é acumulação ilimitada à custa da devastação da natureza, num tempo mais rápido possível, com um investimento o menor possível, sem sentido de solidariedade para com as gerações presentes e futuras.

Este tipo de paradigma - o paradigma da dominação - conduziu à atual situação do planeta Terra, poluído, aquecido, em parte devastado e sem equilíbrio.

3. Os limites do capital são os limites da Terra

Uma semana após o estouro da bolha econômico-financeira, no dia 23 de setembro, ocorreu o assim chamado *Earth Overshoot Day*, quer dizer, *o dia da ultrapassagem da Terra*. Grandes institutos que acompanham sistematicamente o estado da Terra anunciaram: a partir deste dia o consumo da humanidade ultrapassou em 30% a capacidade de suporte e reposição do sistema-Terra. Traduzindo: a humanidade está consumindo um planeta inteiro e mais 30% dele que não existe. O resultado é a manifestação inofismável da insustentabilidade global da Terra e do sistema de produção e de consumo imperante. Entramos no vermelho e assim não poderemos continuar porque não temos mais fundos para cobrir nossas dívidas ecológicas.

Esta notícia, alarmante e ameaçadora, ganhou apenas algumas linhas na parte internacional dos jornais, ao contrário da outra que até hoje ocupa as manchetes dos meios de comunicação e os principais noticiários de televisão. Lógico, nem poderia ser diferente.

O que estrutura as sociedades mundiais, como há muitos anos o analisou Polanyi em seu famoso livro *A Grande Transformação*, não é nem a política nem a ética e muito menos a ecologia, mas unicamente a economia. Tudo virou mercadoria, inclusive a própria Terra. E a economia submeteu a si a política e mandou para o limbo a ética.

Poucos são os que colocam a questão axial: *afinal se trata de salvar o sistema ou de resolver os problemas da humanidade?* Esta é constituída em grande parte por sobreviventes de uma tribulação que não conhece pausa nem fim, provocada exatamente por um sistema econômico e por políticas que beneficiam apenas 20% da humanidade, deixando os demais 80% a comer migalhas ou entregues à sua própria sorte. Curiosamente, as vítimas que são a maioria sequer estão presentes ou representadas nos foros em que se discute o caos econômico atual. E *pour cause*: para o mercado são tidos como zeros econômicos, pois o que produzem e o que consomem é irrelevante para contabilidade geral do sistema.

Milkahil Gorbachev, presidente da Cruz Verde Internacional e um dos principais animadores da Carta da Terra, grupo no qual participo, advertiu recentemente: *Precisamos de um novo paradigma de civilização porque o atual chegou ao seu fim e exauriu suas possibilidades. Temos que chegar a um consenso sobre novos valores. Em 30 ou 40 anos a Terra poderá existir sem nós.*

A busca de um novo paradigma civilizatório é condição de nossa sobrevivência como espécie. Assim como está não dá para continuar. Na última página de seu livro *A era dos extremos* diz enfaticamente Eric

Hobsbawn: *Nosso mundo corre o risco de explosão e de implosão. Tem de mudar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para a mudança da sociedade é a escuridão.*

Importa entender que estamos enredados em quatro grandes crises: duas conjunturais - a econômica e a alimentar - e duas estruturais - a energética e a climática. Todas elas estão interligadas e a solução deve ser incluyente. Não é racional se ater apenas à questão econômica, predominante nos debates atuais. Deve-se começar pelas crises estruturais pois que se não forem bem encaminhadas, tornarão insustentáveis todas as demais.

As crises estruturais, portanto, são as que mais atenção merecem. A crise energética revela que a matriz baseada na energia fóssil que movimenta 80% da máquina produtiva mundial tem dias contados. Ou inventamos energias alternativas ou entraremos em poucos anos num incomensurável colapso.

A crise climática possui traços de tragédia. Não estamos indo ao encontro dela. Já estamos dentro dela. A Terra já começou a se aquecer. A roda começou a girar e não há mais como pará-la, apenas diminuir sua velocidade ao minimizar seus efeitos catastróficos e ao adaptar-se a ela. Bilhões e bilhões de dólares devem ser investidos anualmente para estabilizar o clima entorno de 2 a 3 graus Celsius já que seu aquecimento poderá ficar entre 1,6 a 6 graus, o que poderia configurar uma devastação gigantesca da biodiversidade e o holocausto de milhões de seres humanos.

De todas as formas, mesmo mitigado, este aquecimento vai produzir transtornos significativos no equilíbrio climático da Terra e provocar nos próximos anos cerca de 150-200 milhões de refugiados climáticos segundo dados fornecidos pelo atual Presidente da Assembléia Geral da ONU, Miguel d'Escoto, em seu discurso inaugural em meados de outubro de 2008. E estes dificilmente aceitarão o veredito de morte sobre suas vidas. Romperão fronteiras nacionais, desestabilizando politicamente muitas nações.

Estas duas crises estruturais vão inviabilizar o projeto do capital. Ele partia do falso pressuposto de que a Terra é uma espécie de baú do qual podemos tirar recursos indefinidamente. Hoje ficou claro que a Terra é um planeta pequeno, velho e limitado que não suporta um projeto de exploração ilimitada..

Em 1961 precisávamos de metade da Terra para atender as demandas humanas. Em 1981 empatávamos: precisávamos de um Terra inteira. Em 1995 já ultrapassamos em 10% de sua capacidade de reposição, mas era ainda suportável. Em 2008 passamos de 30% e a Terra está dando sinais inequívocos de que já não agüenta mais.

Se mantivermos o crescimento do PIB mundial entre 2-3% ao ano, em 2050 vamos precisar de duas Terras, o que é impossível. Mas não chegaremos lá. Resta ainda lembrar que entre 1900 quando a humanidade tinha 1,6 bilhões de habitantes e 2008 com 6,7 bilhões, o consumo aumentou 16 vezes. Se os países ricos quisessem generalizar para toda a humanidade o seu bem-estar - cálculos já foram feitos - iríamos precisar de duas Terras iguais a nossa.

A crise de 1929 dava como descontada, a sustentabilidade da Terra. A nossa não pode mais contar com a abundância de seus recursos. Nenhuma solução meramente econômica da crise pode suprir este *déficit*. Não

considerar este dado torna as análises mancas naquilo que é a determinação fundamental e a nova centralidade. Bem notavam Ban Ki-Moon e Al Gore em seu apelo ao mundo por um crescimento verde: *não podemos deixar que aquilo que é urgente comprometa aquilo que é essencial* (FSP 22/02/09 p.3). O urgente é encontrar saídas ainda intrasistêmicas que evitem um colapso total com o sacrifício de milhões de desempregados e a falência das grandes corporações produtivas. O essencial é salvaguardar a vitalidade da Terra e evitar o desaparecimento da espécie humana.

Tudo isso nos convence de que a crise do capital não é, como muitos ainda propalam, crise cíclica. É crise terminal. Em 300 anos de hegemonia praticamente mundial, esse modo de produção com sua expressão política, o liberalismo, destruiu com sua voracidade desenfreada, as bases que o sustentam: a força de trabalho, substituindo-a pela máquina e a natureza devastando-a a ponto de ela não conseguir, sozinha, se auto-regenerar. Por mais estratégias que seus ideólogos vindos da tradição keynesiana, marxista/socialista ou do ambientalismo raso, ou outras tentem inventar saídas para este corpo moribundo, elas não serão capazes de reanimá-lo.

Suas dores não são de parto de um novo ser, mas estertores de um moribundo. Ele não morrerá nem hoje nem amanhã. Possui capacidade de prolongar sua agonia, mas esgotou sua virtualidade de nos oferecer um futuro discernível.

Ele chegou ao seu fim num duplo sentido: fim no sentido que realizou suas virtualidades históricas e fim no sentido de que chegou ao termo e à sua morte. Repetimos: os limites do capitalismo são os limites da Terra. Já encostamos nestes limites tanto da Terra quanto do capitalismo. A continuar, corremos o risco de sermos destruídos por Gaia pois ela, no processo evolucionário, sempre elimina aquelas espécies que de forma persistente e continuada ameaçam a todas as demais. Nós, *homo sapiens e demens*, nos fizemos, na dura expressão do grande biólogo E. Wilson, o Satã da Terra, quando nossa vocação era o de sermos seu cuidador, guardião e anjo bom.

4. Marcos que apontam para o futuro

Para onde iremos? Nem o Papa nem o Dalai Lama, nem Barack Obama nem muito menos os economistas nos poderão apontar uma solução. A crise atual constitui uma oportunidade única de a humanidade parar, pensar, ver onde se cometeram erros, como evitá-los e que rumos novos devemos conjuntamente construir para sair da crise, preservar a natureza e projetar um horizonte de esperança, promissor para toda a comunidade de vida, incluídas as pessoas humanas.

Trata-se sem mais nem menos de articular um novo padrão de produção e de consumo com uma repartição mais equânime dos benefícios naturais e tecnológicos, respeitando a capacidade de suporte de cada ecossistema, do conjunto do sistema-Terra e vivendo em harmonia com a natureza.

Não se alcançará este propósito se não completarmos a razão instrumental-analítica com a razão sensível (Meffesoli), com a razão cordial (Cortina), com a inteligência emocional (Goleman) e a inteligência espiritual (Zohar). Este tipo de razão é a sede dos valores, da percepção ética e da

experiência espiritual, dimensões sem as quais a vida perde seu sentido e sua irradiação.

Se não temos em mãos uma solução, pelo menos podemos indicar uma direção. Se esta estiver certa, o caminho poderá fazer curvas, subir e descer e até conhecer atalhos, esta direção nos levará a uma terra na qual os seres humanos poderão ainda viver humanamente e tratar com cuidado, com compaixão e com amor a Terra, Pacha Mama, Nana e nossa Grande Mãe.

O novo paradigma deve partir desta percepção de que a Terra é viva, nós somos Terra e que a Terra é a única Casa Comum que temos para habitar. Nossa missão é cuidá-la e guardá-la.

Vamos ter que produzir para atender as demandas humanas e de toda a comunidade de vida. Mas o faremos, respeitando os ciclos da natureza, produzindo o suficiente e decente para todos e não simplesmente com o propósito de acumular, nunca perdendo de vista a solidariedade intra e intergeracional.

A preocupação central se expressa assim: *como viver em harmonia com o Universo, com a natureza, com todos os seres humanos e por fim com a Última Realidade?*

Dai pode nascer o que chamaríamos uma *biocivilização*, que tem a vida e a Terra como eixos centrais, a terceira margem já em construção como se pode ver nas várias sessões do Fórum Social Mundial.

Será uma civilização planetária que amará mais a vida que o lucro, mais o bem coletivo do que a vantagem individual, mais a cooperação que a competição. O ser humano sentir-se-á a parte consciente e inteligente da Terra, com a mesma origem e o mesmo destino. Essa seria a *Terra da boa esperança* na expressão feliz do ecoeconomista polonês/francês Ignacy Sachs, grande conhecedor do Brasil.

Então passaremos de uma civilização industrial visando a riqueza e estressando a natureza para uma civilização de sustentação de toda a vida em consorciação com a natureza e com todos os povos.

Esta biocivilização se assentará nestes cinco eixos já apontados por muitos pensadores alternativos:

(1) um uso sustentável, responsável e solidário dos limitados recursos e serviços da natureza; temos que viver mais com menos e a humanidade será mais frugal.

(2) o valor de uso dos bens deve ter prioridade sobre seu valor de troca;

(3) um controle democrático deve ser construído nas relações sociais, especialmente sobre os mercados e os capitais especulativos;

(4) o ethos mínimo mundial deve nascer do intercâmbio multicultural, dando ênfase à ética do cuidado, da compaixão, da cooperação e da responsabilidade universal;

(5) a espiritualidade, como expressão da singularidade humana e não como monopólio das religiões, deve ser incentivada como uma espécie de aura benfazeja que acompanha a trajetória humana, pois ancora o ser humano e a história numa dimensão para além do espaço e do tempo, conferindo sentido à nossa curta passagem por este pequeno planeta.

Devemos crer, como nos ensinam cosmólogos contemporâneos, nas virtualidades escondidas naquela Energia Universal de fundo da qual tudo

provém, que sustenta o cosmos, que atua por detrás de cada ser, em cada um de nós humanos e que subjaz a todos os eventos históricos e que permite emergências surpreendentes. Ela tem um nome: o *Spiritus Creator* ou simplesmente Deus.

É do caos que nasce a nova ordem. Devemos fazer de tudo para que o atual caos não seja destrutivo, mas criativo. Então sobreviveremos junto com a Terra, nossa Grande Mãe e iremos ainda brilhar, pois esse é o propósito do Universo e o desígnio do Criador.

*Leonardo Boff é teólogo, filósofo, membro da Iniciativa Internacional da Carta da Terra, sendo um de seus redatores, professor emérito de filosofia da UERJ, professor visitante nas Universidades de Lisboa, Salamanca, Harvard, Basel e Heidelberg, escritor e autor de *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres* e de *Opção Terra: a solução da Terra não cai do céu*.